

Frases imperativas e negação em Português Europeu¹

Gabriela Matos
mgabrielamatos@yahoo.co.uk
Universidade de Lisboa (Portugal)

ABSTRACT

In languages like Spanish, Italian and European Portuguese, specific morphological verb forms alternate with suppletive verb forms to express imperative. However, they pattern differently with respect to sentential negation: true imperatives ban the occurrence of sentential negation in opposition to suppletive imperatives. This contrast has been ascribed to different causes: differences in the structural configuration of true and suppletive imperatives, distinct selectional properties of the functional projections involved, or scope constraints on the sentence illocutionary force. Focussing European Portuguese, we will set up the structure of imperative sentences, taking into account the evidence provided by sentence negation, the scope of the illocutionary force, the status of T⁰ and the position of overt subjects.

KEYWORDS

Imperative sentences; negation; C-domain; illocutionary force.

RESUMO.

Em línguas como o Espanhol, o Italiano e o Português Europeu, formas verbais morfologicamente específicas alternam com formas verbais supletivas para expressar o imperativo. Contudo, o seu comportamento difere relativamente à negação frásica: os imperativos verdadeiros rejeitam a presença de negação frásica em oposição aos imperativos supletivos. Este contraste foi atribuído a causas diversas: a diferenças de configuração estrutural dos imperativos verdadeiro e supletivo, a propriedades de seleção distintas das projeções funcionais envolvidas, ou às restrições sobre o escopo da força ilocutória da frase. Focando o Português Europeu, estabelecemos a estrutura das frases imperativas, tendo em conta as evidências fornecidas pela negação frásica, o escopo da força ilocutória, a natureza de T⁰ e a posição dos sujeitos realizados.

¹ Este texto, escrito em homenagem a Ana Brito, surge num ponto crucial da sua carreira, marcada pelo saber, competência e dedicação. Uma homenagem é um momento para fazer um balanço do que passou: longos anos de amizade e de trabalho de investigação exigente e apaixonante desenvolvido; mas é também uma oportunidade para lembrar que o presente está aí para desfrutar e prosseguir os nossos projetos.

Este trabalho é financiado pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto, ao abrigo do Programa de Financiamento FCT - UIDB/00022/2020 (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

PALAVRAS-CHAVE

Frases imperativas; negação; domínio-C; força ilocutória.

1. Introdução

Vários estudos em gramática generativa se debruçaram sobre a variação linguística relativa à ocorrência da negação em frases imperativas. Algumas línguas, como o Português Europeu (PE), o Espanhol (Esp) ou o Italiano (It) (cf. (1), (2) e (3)) banem a negação frásica de frases apresentando verbos com morfologia imperativa específica, i.e. com o dito “imperativo verdadeiro”, outras, como, por exemplo, o Francês (Fr) (cf. (4)), exibem frases negativas com o imperativo verdadeiro. O primeiro grupo de línguas, para expressar a negação, têm de recorrer a formas verbais de outros modos, tipicamente o conjuntivo no Português Europeu e no Espanhol e o indicativo no Italiano (It), (5), i.e., ao chamado imperativo supletivo:

- | | | |
|-----|----------------------------|-------|
| (1) | a. Vai para casa! | (PE) |
| | b. Ide para casa! | |
| | c. *Não vai para casa! | |
| | d. *Não ide para casa! | |
| (2) | a. Lee ese libro! | (Esp) |
| | b. *No lee ese libro! | |
| (3) | a. Leggi quel libro! | (It) |
| | b. *Non leggi quel libro! | |
| (4) | a. Va-t-en! | (Fr) |
| | b. Ne t'en vas pas! | |
| (5) | a. Não vás para casa! | (PE) |
| | b. ¡No leas ese libro! | (Esp) |
| | c. Non leggere quel libro! | (It) |

Note-se, porém, que o imperativo supletivo não se restringe ao domínio da negação e ocorre em frases afirmativas nos contextos em que imperativo verdadeiro não apresenta formas verbais próprias, que no Português Europeu se restringem às 2^{as} pessoas do singular e do plural (cf. (1a) e (1b)). Assim, o imperativo supletivo ocorre em Português Europeu quando o interlocutor

é referido pelas formas pessoais *você/vocês*, que tipicamente pedem conjuntivo, e no italiano na 2ª pessoa do plural, em que surge o indicativo:

- | | | |
|-----|----------------------|------|
| (6) | a. Vá para casa! | (PE) |
| | b. Vão já para casa! | |
| (7) | a. Telefona! | (It) |
| | b. Telefonate! | |

Neste trabalho centrar-nos-emos na estrutura da frase imperativa e na alternância imperativo verdadeiro e supletivo em contextos de negação, focando o caso do Português Europeu². Assumiremos, como é usual, que os casos canónicos do imperativo ocorrem em frases raiz.

O contraste exibido pelo imperativo face à negação frásica tem sido alvo de diferentes explicações, destacando-se, três tipos de tratamentos relativamente à impossibilidade de negar o imperativo verdadeiro: (i) os que atribuem essa impossibilidade a fenómenos de intervenção por interposição de Neg^o (Rivero 1994, Rivero & Terzi 1995); (ii) os que consideram que a exclusão da negação das frases de imperativo verdadeiro se deve à interação das propriedades morfossintáticas do verbo imperativo com os requisitos de seleção de Neg^o (Zanuttini 1991, 1996, 1997, 2001); (iii) os que imputam a incompatibilidade do imperativo verdadeiro com a negação frásica a fenómenos de escopo, envolvendo a negação frásica e a força ilocutória (Han 2001). Por vezes, estas explicações surgem conjugadas, consoante as propriedades dos marcadores de negação frásica nos diferentes tipos de línguas analisados, românicas, germânicas, eslavas ou o grego (Zeijlstra 2006). A análise destas propostas para dar conta da alternância imperativo verdadeiro e supletivo mostra que, no que diz respeito a línguas como o Português Europeu, o Espanhol ou o Italiano, nem todas elas são igualmente empiricamente motivadas.

Considerando que o imperativo verdadeiro e o supletivo têm um valor discursivo idêntico, é plausível levantar a hipótese de que estão associados a uma mesma projeção funcional na periferia esquerda da frase, como sugerido em Zanuttini (2008) e Zanuttini et al. (2012), trabalhos em que

² Não consideraremos o Português Brasileiro, que usa a forma pronominal *você(s)* como a forma privilegiada de tratamento do(s) interlocutore(s).

se propõe a existência da projeção JussivoP. No entanto, assumir que o imperativo verdadeiro e o supletivo se relacionam com uma mesma projeção funcional recoloca a questão da estrutura sintática a atribuir às frases imperativas afirmativas e negativas.

Neste artigo, para captar a alternância do imperativo verdadeiro com o supletivo face à negação e sua respectiva distribuição na frase, proporemos uma abordagem que procura conciliar as propriedades de seleção atribuídas a T^o nas frases de imperativo verdadeiro e supletivo com as restrições de escopo sobre a força ilocutória e a proposta da existência de uma única projeção funcional dedicada a ambas as instâncias de imperativo.

O presente trabalho apresenta a seguinte estrutura: na secção 2 são revistas as principais propostas da literatura relativas à exclusão da negação com o imperativo verdadeiro em línguas como o Italiano e o Espanhol, as quais serão confrontadas com alguns dados empíricos do Português Europeu; na secção 3, são analisadas as propriedades e a ordem dos constituintes das frases imperativas do Português Europeu; na secção 4, é proposta uma análise visando captar o comportamento diverso do imperativo verdadeiro e supletivo face à negação frásica, bem como a sua distribuição na frase imperativa; a secção 5 é dedicada às observações finais.

2. A exclusão da negação com o imperativo verdadeiro

Como dissemos na introdução, na literatura evidenciam-se, como mais influentes, três propostas para explicar a exclusão da negação com o imperativo verdadeiro em línguas como o Italiano e o Espanhol, entre outras. Analisá-las-emos nas subsecções seguintes, tendo em vista a sua potencial capacidade de dar conta do Português Europeu.

2.1. O bloqueio de negação em frases com imperativo verdadeiro

Desenvolvendo trabalho prévio, (Rivero 1988), Rivero (1994: 102) e Rivero & Terzi (1995: 306) assumem que na estrutura frásica de línguas como o Espanhol, o Búlgaro e o Servo-Croata, NegP ocorre abaixo de CP e acima de IP:

(8) [CP C^o [NegP Neg^o [IP I^o [VP V^o]]]]

Os autores consideram que, em Espanhol, o núcleo funcional C^o das frases raiz é um indicador de força ilocutória. Quando exhibe o traço imperativo, o verbo com a morfologia imperativa tem de mover-se para C^o, por movimento de núcleo a núcleo, para ativar Força ilocutória. Se o núcleo Neg^o, intervém entre I^o e C^o, bloqueia o movimento, daí decorrendo a impossibilidade de negação do imperativo verdadeiro:

- (9) a. Lee!
b. *No lee!
(Rivero 1994:91)

Segundo Rivero (1994), o mesmo não sucede em Búlgaro, (10), em que não é C^o, mas I^o que indica a força ilocutória imperativa, pelo que o verbo no imperativo não tem de atravessar Neg^o e as frases com imperativo verdadeiro podem ser negadas, (10b). O Servo-Croata difere igualmente do Espanhol, na medida em que Neg^o, que precede o verbo no imperativo, é alvo de incorporação. Assim, o complexo [Neg+V] pode mover-se para C^o, (11):

- (10) a. Četi! (Búlgaro)
le -IMP2sg
b. Ne četi!
NEG le-IMP2sg
(11) a. Čitaj! (Servo-Croata)
le -IMP2sg
b. Ne čitaj!
NEG le-IMP2sg
(Rivero 1994:92)

Diferentemente do proposto para o Servo-Croata, Rivero e Terzi consideram que em Espanhol a negação frásica não se incorpora no verbo (Rivero 1994: 93, 102). Deste modo, em frases com imperativo verdadeiro, não se forma um complexo [Neg+V] que se possa mover para C^o. Pelo contrário, o imperativo supletivo pode ser negado, pois as formas de

imperativo supletivo podem permanecer em I^o.

Porém, no imperativo afirmativo, quando a morfologia imperativa está ausente, as formas supletivas do conjuntivo elevam-se para C^o. Rivero (1994: 105) sugere que a combinação dos traços de Pessoa e Número do Sujeito com as propriedades de operador de Modo (conjuntivo) permitem verificar os traços do Imperativo abstracto em C^o:

- (12) *Den-me el libro!* (Esp)
(Rivero 1994: 104)

Rivero (1994) e Rivero & Terzi (1995) relacionam as propriedades atribuídas ao imperativo verdadeiro em línguas como o Espanhol com outros dois fenómenos: a natureza de raiz deste imperativo, que determina a sua impossibilidade de ocorrer em frases subordinadas (13b); e a colocação pós-verbal dos pronomes clíticos com o imperativo verdadeiro, (13a), atribuída ao facto de os clíticos se encontrarem numa projeção funcional abaixo de C^o para onde o verbo imperativo se moveu:

- (13) a. *Dad-me el libro!* (Esp)
b. *Pido que dad-me el libro
(Rivero 1994: 97)

A análise da alternância do imperativo verdadeiro com o supletivo em línguas como o Espanhol proposta em Rivero (1994) e Rivero & Terzi (1995) encontra duas principais dificuldades de aplicação ao Português Europeu. Com efeito, nesta língua, há evidência de que a negação, embora não seja um clítico, sofre incorporação no verbo em I^o e move-se com ele para o domínio C^o. Esta mesma objeção foi feita para o Espanhol e o Italiano por Han (2001). No Português Europeu os exemplos em (14) e (15) mostram esta propriedade em frases declarativas e interrogativas, em que advérbios altos³, epistémico em (14) e avaliativo em (15) (cf. Oliveira 2003 e Marques 2012), separam o complexo formado pelo verbo e a negação do domínio frásico em que ocorre o sujeito.

³ Os advérbios epistémicos e os avaliativos expressam a atitude do locutor face ao conteúdo da frase proferida. Têm tipicamente escopo sobre TP.

- (14) a. Não terá certamente o Pedro acreditado nos boatos que se espalharam.
b. [_{CP} [_C Não + terá]_i [certamente [_{TP_NegP} o Pedro ... t_i ... [_{VP} acreditado nos boatos que se espalharam]]]]
- (15) a. A que jogos não têm infelizmente os adeptos assistido?
b. [_{CP} a que jogos_i [_C não + têm]_j [infelizmente [_{TP_NegP} os adeptos ... t_j ... [_{VP} assistido t_j]]]]

Adicionalmente, a especificidade do padrão de colocação dos pronomes clíticos mencionada por Rivero e Terzi não se verifica no Português Europeu. Como mostram os exemplos em (16), tanto em frases com imperativo verdadeiro como nas de imperativo supletivo a ênclise é o padrão canónico, sempre que o clítico e o verbo que o hospeda não estiverem sob o escopo local de um desencadeador de próclise. Assim, a presença de próclise no imperativo negativo, em (17), não decorre da presença do imperativo supletivo, mas do facto de o marcador de negação frásica ser um proclisador.

- (16) a. Dá-me o livro! (imperativo verdadeiro)
b. Dê-me o livro! (imperativo supletivo)
c. Dêem-me o livro! (imperativo supletivo)
- (17) a. Não me dêes o livro!
b. Não me dê o livro!
c. Não me dêem o livro!

Com efeito, em Português Europeu, o comportamento dos clíticos no imperativo afirmativo, verdadeiro ou supletivo, não se distingue claramente do exibido em frases declarativas ou interrogativas, como (18a) ou (18b): a ênclise ocorre quando não há desencadeadores de próclise que tenham escopo local sobre os pronomes clíticos:

- (18) a. O Pedro deu-me um livro.
b. Deram-te um livro?

Por outro lado, a proposta de que os pronomes clíticos surgem numa projecção distinta daquela em que o verbo ocorre encontra problemas em

formas de mesóclise que subsistem no Português Europeu padrão, (19). Estes casos parecem privilegiar uma análise de inserção dos clíticos na unidade verbal em T^o que lhes serve de hospedeiro (cf. Duarte & Matos 2000: 134):

- (19) a. O Pedro dar-me-á o livro amanhã.
b. Dar-lhe-ias (tu) o livro?

Em suma, a explicação da exclusão do imperativo verdadeiro em termos de interferência da projeção NegP, não parece adequada ao Espanhol, ao Italiano e ao Português Europeu e, no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos, não é corroborada por esta última língua.

2.2. O imperativo e os requisitos de seleção de Neg^o

Zanuttini (1991, 1996, 1997, 2001) contrasta as línguas românicas em que o marcador de negação frásica pode preceder o verbo finito com aquelas em que o pode seguir. Assume que os marcadores negativos pré-verbais são núcleos de uma projeção funcional alta, NegP1, e apresentam restrições de seleção dado o seu estatuto de núcleos (Zanuttini 1996: 186; Zanuttini 1997: 127), contrariamente aos marcadores negativos pós-verbais, que ocorrem numa projeção NegP abaixo de TP e não seleccionam complementos, pois são projeções máximas, que ocorrem em especificador dessa projeção baixa de NegP (Zanuttini 1997: 127)⁴.

Zanuttini (1991, 1996, 2001) considera que nas línguas românicas a projeção Neg1 seleciona TP por complemento (Zanuttini 1996: 181) e que a sua ocorrência depende da presença desta categoria funcional. Esta proposta, que é alterada em Zanuttini (1997)⁵, é retomada em trabalho

⁴ Zanuttini (1996) admite que o mesmo sucede no Inglês. NegP nesta língua exibe um núcleo pré-verbal *n't* e um marcador negativo pós verbal, de natureza adverbial *not*, que ocuparia a posição de especificador ou de adjunto de uma projeção máxima. Em alguns casos estes dois marcadores negativos coocorrem na mesma frase:

(i) *She couldn't not have noticed.* (Zanuttini 1996: 192)

A autora considera que o imperativo no inglês recruta uma forma supletiva, provinda do conjuntivo, e que, por esse motivo pode ser negado:

(ii) *Don't (you) do that!* (Zanuttini 1996: 194)

⁵ Zanuttini (1997), afirma que a presença de MoodP é requerida para a ocorrência de Neg1. Este núcleo funcional seleciona por complemento MoodP, projeção associada às frases com interpretações de ordem, proibição, convite ou recomendação, correspondentes à força ilocutória do imperativo (Zanuttini (1997:146). De acordo com esta posição, a estrutura de uma frase imperativa seria simplificada a seguinte:

(i) [_{CP} [_C IMP]...[...[_{NegP1} Neg^o1 [_{MoodP} Mood^o...[VP]]]]].

posterior (Zanuttini 2001):

(20) [CP C° [Neg°1P [TP ... [VP]]]]

Zanuttini assume que as frases com força ilocutória imperativa possuem um traço IMP em C° que tem de ser verificado por um constituinte imperativo. Diferentemente de Rivero e Terzi, Zanuttini admite que tanto o imperativo afirmativo como o negativo, devem verificar esse traço (Zanuttini 1997: 142). Segundo ela, argumentam a favor do movimento do verbo (ou dos seus traços) para C_[IMP] nas frases imperativas em Italiano, não só a impossibilidade de advérbios altos (modais epistémicos) ocorrerem em posição pré-verbal face à sua aceitabilidade em posição pós-verbal, como ilustrado em (21) vs. (22), mas também a posição enclítica dos pronomes pessoais, atribuída ao facto de estes ocuparem uma projecção mais baixa do que o verbo (Zanuttini 1997: 140-141, 143):

- (21) a. **Certamente fallo!* (2ª Sg) (imperativo verdadeiro) (It)
b. *?*Certamente fatelo!* (2ª Pl) (imperativo supletivo)
- (22) a. *?Fallo certamente!* (imperativo verdadeiro)
b. *?Fatelo certamente!* (imperativo supletivo)

Atendendo à possibilidade de o imperativo supletivo afirmativo (no Conjuntivo) em Espanhol exibir o verbo em primeira posição na frase raiz ou ser precedido de um complementador, (23)-(24), Zanuttini (1997: 144) conclui que os traços de imperativo em C° tanto podem ser verificados pelo verbo como pelo complementador.

- (23) a. Den-me el libro! (2Pl) (imperativo supletivo) (Esp)
b. **Me den el libro!*
- (24) Que me den el libro!

A exclusão da negação das frases com o imperativo verdadeiro é explicada pela não satisfação das propriedades de seleção de Neg°. De acordo com Zanuttini (1996), os verbos no imperativo verdadeiro não têm traços de tempo gramatical e, por isso, na construção da estrutura frásica,

TP não se projecta, e consequentemente, Neg^o, que seleciona TP por complemento, não pode ocorrer (Zanuttini 1996: 188). Pelo contrário, os imperativos supletivos exibem traços de tempo, o que determina a projeção de TP; por este motivo, os imperativos supletivos podem ser negados.

$$(25) \quad [_{CP} [_{C^o} IMP] \dots [_{NegP1} Neg^o1 [_{TP} T^o \dots [VP]]]]$$

Dada a configuração em (25) e não aceitando, contrariamente a Belletti (1990), a incorporação da negação pré-verbal, com estatuto de núcleo, no verbo flexionado no imperativo supletivo em Italiano (e em Espanhol), a autora admite que os traços de IMP em C^o são verificados pelo marcador de negação frásica (Zanuttini 1997: 145), que caracteriza como um elemento de tipo v. Assim, o verbo no imperativo supletivo não precisa de se mover para C^o.

Em suma, nesta abordagem, a questão que se põe centralmente são os requisitos de seleção Neg^o, que requer a presença de TP⁶, e a sua interacção com as propriedades morfossintáticas do imperativo verdadeiro, que, segundo a autora, não está associado a T^o, diferentemente do imperativo supletivo.

Alguns problemas se colocam à análise de Zanuttini, tal como às propostas de Rivero e Terzi, quando aplicada ao Português Europeu: a não consideração de que o marcador de negação frásica se incorpora no verbo que verifica tempo gramatical, formando com ele uma unidade (cf. (14) e (15)), e a aceitação de que os pronomes clíticos podem permanecer isolados numa projeção funcional abaixo da ocupada pelo verbo (Zanuttini 1997: 143), o que contraria os dados do Português Europeu, nomeadamente os ilustrados em (19).

Em Zanuttini (2008) e Zanuttini et al (2012) uma nova análise das frases imperativas afirmativas é proposta, em que a relação entre o imperativo e T^o é repensada. Visando a natureza do sujeito, que denota sistematicamente o interlocutor, Zanuttini (2008) propõe a existência de uma categoria Juss^o (Jussivo), núcleo de uma projeção funcional com estatuto sintático-discursivo, JussP, que alberga estruturas imperativas, com imperativo

⁶ Em Zanuttini 1997, a presença da projeção MoodP.

verdadeiro ou supletivo e legítima sujeitos nulos ou realizados exibidos por estas expressões. Em Zanuttini et al. (2012), JussP é alargada às frases promissivas e exortativas.

JussP é tida como uma projeção funcional projectada abaixo do domínio C, distinto das categoria CP ou FinitenessP (Zanuttini 2008: 215), mas acima de TP⁷. Assim, podemos inferir que as frases imperativas, em geral, teriam a seguinte estrutura simplificada:

$$(26) [_{CP} C^{\circ} [_{FinP} Fin^{\circ} [_{JussP} Juss^{\circ} [_{TP} T^{\circ} \dots [_{VP} V^{\circ} [_{VP} V^{\circ}]]]]]]]$$

Segundo Zanuttini et al. (2012), Juss^o entra na derivação com um traço de 2ª pessoa interpretável⁸, enquanto o sujeito é inserido com um traço de número interpretável e um traço de caso não-interpretável que o torna um alvo ativo. T^o é introduzido na derivação das frases imperativas com um traço de caso, mas sem traço de pessoa. T^o eleva-se para Juss^o formando com este um feixe de traços que atua como uma unidade, procurando o alvo ativo mais próximo no seu domínio de c-comando, o sujeito que tem um traço de caso não-interpretável. Nos casos prototípicos do imperativo, com sujeito nulo, T-Jussivo e o sujeito entram numa relação de Agree, partilhado os valores de número, e o traço de caso do sujeito adquire um valor (nominativo). Em Zanuttini (2008) e Zanuttini et al. (2012) não são, no entanto, abordadas as restrições entre o imperativo verdadeiro e a negação.

2.3. Escopo da negação e força ilocutória imperativa

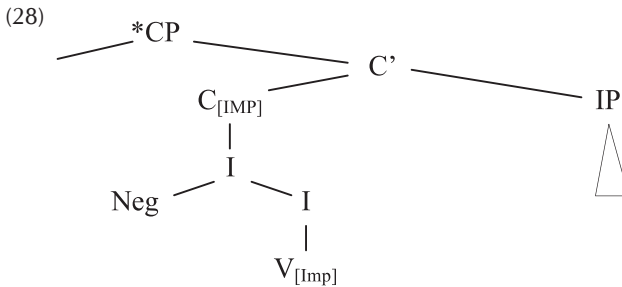
Han (2001) considera que a exclusão da negação com o imperativo verdadeiro em línguas com marcador de negação pré-verbal, como o Espanhol ou o Italiano, tem a ver com fenómenos de escopo. Na esteira de Frege (1884/1960) e de Lee (1988), Han salienta que os operadores de força ilocutória não podem ser negados, mas apenas o conteúdo proposicional a que se aplicam. Deste modo, o exemplo em (27), de Han (2001: 307), é parafraseável por (a), mas não por (b):

⁷ Zanuttini (2008) não se compromete quanto à projeção de TP nas imperativas. Porém, uma vez que JussP é extensível às frases com imperativo supletivo, a seleção de TP por Juss^o é pressuposta.

⁸ No caso do Português, em que a 3ª pessoa gramatical é usada para referir o interlocutor, esta proposta, a ser aceite, terá de ser reajustada. Para os casos de imperativos com sujeitos realizados, veja-se Zanuttini et al. (2012).

- (27) Don't call!
 a. = I require that you not call.
 b. ≠ I do not require that you call.

C^o, que codifica a força ilocutória imperativa, [IMP], não pode, pois, ocorrer sob o escopo (i.e. no domínio de c-comando) do marcador de negação frásica. Quando tal acontece a estrutura é excluída como incorrecta. Em línguas como o Espanhol e o Italiano, a negação do imperativo verdadeiro acarretaria uma configuração de escopo problemática, dado que a negação frásica se incorpora no verbo. O verbo_[imp] ao mover-se de I^o para C^o_[IMP], formaria um operador de força ilocutória imperativa que ficaria sob o escopo de um operador de negação (cf. Han 2001:308):



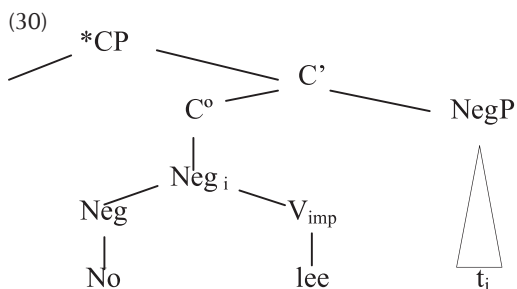
Segundo Han, nos imperativos supletivos destas línguas, esta configuração de escopo não se verifica, uma vez que o conjuntivo e o indicativo não codificam força ilocutória, e, por isso, não se movem para C^o_[IMP]. É por inferência pragmática que o conjuntivo em contexto matriz assume força directiva, no imperativo supletivo, afirmativo e negativo (Han 2001: 317).

Contudo, em Han 2001 não é esclarecida qual a posição sintática final dos imperativos supletivos em línguas como o Espanhol ou o Italiano, que deverá, como argumentado por Zanuttini (1996, 1997, 2008) ser uma posição alta, acima de TP. Do mesmo modo, dado que a força ilocutória de qualquer frase não pode ser negada, não é explicitada qual a estrutura, a atribuir a frases negativas com força ilocutória interrogativa, com movimento do verbo de I para C, como (29). Admitimos que devem ser analisadas de modo idêntico às de imperativo supletivo, uma vez que as formas verbais

que nelas ocorrem, em (29) o indicativo, não exibem em si mesmas traços diretamente conectados com força ilocutória.

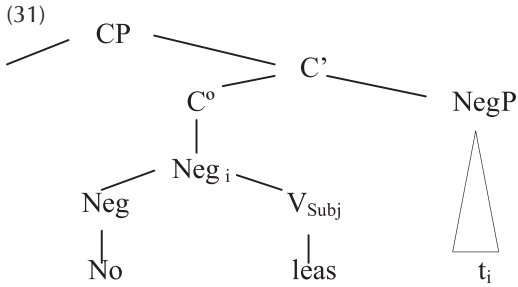
(29) Não terá a Ana telefonado à mãe?

Zeijlstra (2006), para dar conta da exclusão da negação com o imperativo verdadeiro em línguas como o Espanhol, o Italiano e o Português Europeu, baseia-se na proposta de Han (2001), que reformula pontualmente⁹. Segundo o autor nestas línguas V_{imp} eleva-se para C^o para verificar o traço ilocutório IMP de C^o . O marcador negativo é um núcleo, X^o , que exibe um traço negativo interpretável [iNEG] e incorpora-se em Neg^o , formando uma unidade com V. Ao mover [$Neg^o [V_{imp}]$] para para C^o , Neg^o c-comanda [IMP] (Zeijlstra 2006: 416).



Segundo o autor, se o verbo morfologicamente imperativo for substituído pelo conjuntivo não há agramaticalidade, porque o conjuntivo não traz consigo um traço que codifique a força ilocutória. Assim, pode ser c-comandado pela negação (Zeijlstra 2006: 416):

⁹ Zeijlstra (2006) estuda a relação entre imperativo e negação em línguas românicas, germânicas, eslavas e no Grego. Identifica 5 classes de línguas diferentes quanto à compatibilidade ou incompatibilidade do imperativo verdadeiro com a negação. O Espanhol, o Italiano e o Português correspondem à classe I. Para uma caracterização de cada uma destas classes veja-se Zeijlstra (2006: 416-421).



A questão da posição ocupada pelo imperativo supletivo é claramente estabelecida por Zeijlstra (2006). Porém, não é claro que, na estrutura dada em (31), a força ilocutória de C° [C°_{IMP}] tenha escopo sobre a negação, uma vez que C° não c-comanda, [iNeg]. Assim, [iNeg] em C° parece ter um escopo idêntico ao da força ilocutória imperativa de C°. Porém, tal como nas frases com imperativo verdadeiro, nas frases negadas com o imperativo supletivo, é o conteúdo proposicional, (32a), e não o valor ilocutório, (32b), que é negado:

- (32) Não telefones!
- a. ≡Eu ordeno que não telefones.
- b. ≠Eu não ordeno que telefones.

3. Ordem dos constituintes nas frases imperativas do Português Europeu

A estrutura sintática das frases imperativas em Português Europeu tem sido um assunto pouco debatido no quadro recente da gramática generativa¹⁰. As propriedades centrais das frases imperativas em Português Europeu encontram-se, contudo, descritas em trabalhos como Brito et al. (2003:449-460) e Barbosa et al. (2020: 2578-2584).

No Português Europeu as formas verbais morfologicamente específicas do imperativo reduzem-se à 2ª pessoa do singular e do plural (33), esta

¹⁰ Veja-se Faria (1973) para uma abordagem num quadro anterior.

última usada no norte do país, mas em desuso na língua padrão, sendo tendencialmente substituída por *vocês*. Nos casos em que o interlocutor é referido pelos pronomes *você/vocês* implícitos ou realizados, gramaticalmente da 3ª pessoa,¹¹ é o imperativo supletivo, no conjuntivo, que ocorre¹². O mesmo acontece quando o sujeito é designado por sintagmas nominais como, por exemplo, *o senhor*, (34).

- (33) a. Vai-te embora!
b. Ide-vos embora!
- (34) a. Vá-se embora!
b. Vão-se embora!
c. O senhor vá-se já embora!

A negação está excluída das frases com imperativo verdadeiro, (35). Neste contexto, ocorre o imperativo supletivo, tipicamente no conjuntivo, tanto para as 2^{as} como para as 3^{as} pessoas gramaticais, (36).

- (35) a. *Não te vai embora!
b. *Não vos ide embora!
- (36) a. Não te vás embora!
b. Não se vá embora!
c. Não se vão embora!

Como dissemos em 2.1. e 2.2., em Português Europeu, a colocação dos pronomes clíticos não diferencia claramente as frases imperativas das declarativas ou das interrogativas. Tanto nos casos de imperativo verdadeiro, como nos de imperativo supletivo, fora do escopo de um proclisador, as formas verbais exibem ênclise, como mostram os exemplos em (33) e (34). Na medida em que a negação é um dos constituintes que desencadeia a próclise quando c-comanda localmente o clítico e o verbo seu hospedeiro, os casos de imperativo negativo apresentam próclise, (36).

¹¹ Na 1ª pessoa de plural, a expressão é interpretada como uma exortação. O sujeito omitido tem por referentes o locutor e o(s) interlocutor(es).

(i) Vamos embora!

¹² Há outras formas verbais que substituem o imperativo verdadeiro: o indicativo, o infinitivo invariável e o gerúndio. Não nos deteremos sobre estes casos.

Porém, uma análise da colocação dos adverbiais potencialmente desencadeadores de próclise nas frases imperativas permite determinar a posição ocupada pela unidade formada por verbo e clítico em Português Europeu¹³. Como os seguintes exemplos mostram, nas frases declarativas e interrogativas, advérbios focalizadores como *só* ou temporais como *já* podem ocorrer em posição pré ou pós-verbal. Quando precedem e c-comandam o verbo e o clítico, desencadeam próclise, (37). O mesmo não acontece nas frases com imperativo verdadeiro, em (38) ou supletivo, em (39) em que só a posição pós-verbal está disponível. Não tendo estes advérbios escopo sobre o verbo e o clítico, só a ênclise é possível (38)-(39):

- (37) a. Ele *só* me trouxe o livro. / Ele trouxe-me *só* o livro.
b. Ele *já* te telefonou? / Ele telefonou-te *já*?
- (38) a. Traz-me *só* o livro! / **Só* me traz o livro!
b. Telefona-lhe *já*! / **Já* lhe telefona!
- (39) a. Traga-me *só* o livro! / **Só* me traga o livro!
b. Telefonem-lhe *já*! / **Já* lhe telefonem!

Estes dados indicam que o complexo [V-CL] se move para uma posição mais alta do que TP. Exemplos com adverbiais temporais que não desencadeiam próclise, como *hoje*, confirmam esta posição¹⁴:

- (40) a. *Hoje vai-te embora!
b. Vai-te hoje embora!
- (41) a. *Hoje vá-se embora!
b. Vá-se hoje embora!
- (42) a. *Hoje não se vá embora!
b. Não se vá hoje embora!

¹³ Como vimos em (2.1.), nos exemplos (19), os casos de mesóclise mostram que os clíticos formam uma unidade não-sintaticamente separável do verbo hospedeiro

¹⁴ Veja-se a possibilidade de este advérbio ocorrer antes e depois do verbo em frases declarativas:

(i) (Hoje) os amigos (hoje) ofereceram-lhe flores.
(ii) Os amigos ofereceram-lhe (hoje) flores (hoje).

Por outro lado, em enunciados diretivos, a presença de advérbios modais mais altos do que TP produz resultados marginais, vejam-se os seguintes exemplos, em que ocorre um advérbio epistémico, (43) – (44), outro evidencial, (45) - (46), e um advérbio de atos de fala, (47) - (48)¹⁵:

- (43) a. *Possivelmente telefona-nos! (sujeito implícito: tu)
b. *Telefona-nos possivelmente!
- (44) a. *Possivelmente telefonem-nos! (sujeito implícito: vocês)
b. *Possivelmente não nos telefonem!
- (45) a. *Evidentemente senta-te!
b. *Senta-te evidentemente!
- (46) a. *Evidentemente sentem-se! (sujeito implícito: vocês)
b. *Evidentemente não te sentes!
- (47) a. ??Sinceramente vai-te embora!
b. *Vai-te sinceramente embora!
- (48) a. ??Sinceramente vão-se embora! (sujeito implícito: vocês)
b. *Sinceramente não te vás embora!

O advérbio evidencial e o epistémico produzem resultados marginais tanto quando precedem, como quando seguem o verbo, o que indica que as projeções que os albergam não se projetam nas frases imperativas. Estes dados sugerem que o verbo no imperativo verdadeiro ou supletivo, tanto em frases afirmativas como negativas, se moveu para o domínio C. No entanto, o adverbial de ato de fala em posição pré-verbal é menos marginal do que os restantes. A possibilidade de o mesmo advérbio ocorrer na periferia esquerda, como um comentário do locutor, sugere que está associado ao CP, mantendo, contudo, independência relativamente à força ilocutória imperativa deste.

- (49) a. Sinceramente, vai-te embora!
b. *Vai-te, sinceramente, embora!

¹⁵ Em Rizzi & Cinque (2016: 149), é proposta a seguinte hierarquização destes adverbais, que assumem ocorrer entre CP e TP:

(i) CP_{ip} Mood-speech act > Mood-evaluative > Mood-evidential > Mod epistemic > TP...].

Por sua vez, a posição dos sujeitos realizados pode fornecer-nos pistas relativamente à posição final dos verbos nas imperativas. Nestas frases, o sujeito denota o interlocutor do ato de fala, o qual pode ser referido pelos pronomes *tu/vós*, ou *você/vocês*, omitidos ou realizados, por fórmulas de tratamento como *o(s) senhor(es)*¹⁶, (50) ou ainda expressões indefinidas quantitativas (cf. Barbosa et al. 2020: 2580), nomeadamente em imperativas negativas (51):

- (50) a. (Tu) cala-te imediatamente!
 b. [-] ide-vos embora!
 c. Você telefone logo que chegar!
 d. O senhor seja paciente!
- (51) a. Tu não digas nada!
 b. Ninguém fale!

As expressões vocativas, ainda que não exclusivas das imperativas¹⁷, surgem por vezes com estas frases, podendo coocorrer com os sujeitos realizados. Distinguem-se destes pelo facto de ocuparem uma posição periférica, separada da frase por uma pausa e uma entoação específica. Quando o vocativo é um nome, este não é precedido de artigo e pode ser antecedido pela expressão “Ó”. No presente trabalho omitiremos o vocativo¹⁸.

- (52) a. João, cala-te imediatamente!
 b. Ó Pedro, tu vai-te já embora!
 c. Ó senhor, o senhor seja paciente!

O sujeito realizado pode aparecer tanto pré-verbal, como pós-verbalmente. Em posição pré-verbal pode ser interpretado como foco

¹⁶ O tratamento por *você* ou *o senhor* denota frequentemente menos familiaridade com o interlocutor. Já o mesmo não acontece com *vocês*, que, como dissemos, tende a substituir *vós* no Português Europeu padrão.

¹⁷ O vocativo pode ocorrer com frases declarativas e interrogativas sem valor imperativo:

(i) Pedro, comprei uma prenda para te oferecer.

(ii) Ó Joana, quem achas que vem jantar hoje?

¹⁸ Para propostas de tratamento sintático-discursivo do vocativo, veja-se, por exemplo, Hill (2007), Haegeman & Hill (2013). Desenvolvendo propostas de Speas & Tenny (2003), Hill (2007) propõe uma projeção estrutural dos atos de fala, *Speech act phrase (SAP)*, na qual o vocativo ocorre enquanto elemento que denota o interlocutor.

contrastivo, como em (53a); em posição pós-verbal é caracteristicamente interpretado como foco contrastivo (cf. Barbosa et al. 2020: 2580), ilustrado em (53b), ou corretivo (Frascarelli & Jiménez-Fernández 2021), como em (54B).

- (53) a. TU come a sopa imediatamente!
b. Trás TU o bolo, que eu compro os queijos!
- (54) A: Sente-se!
B: Não. Sente-se você, por favor!

Estes dados indicam que o sujeito nas imperativas pode ocupar uma posição de foco contrastivo, usualmente assumida como ocorrendo no domínio C.

Assim, as propostas de Zanutini e de Rivero e Terzi, que consideram que em línguas como o italiano e o Espanhol o imperativo supletivo afirmativo se moveu para C, e a hipótese de Zanuttini et al (2012) de que o imperativo verdadeiro e o supletivo estão associados à mesma projeção alta da estrutura de frase, devem ser repensadas tendo em conta estes dados do Português Europeu.

4. A negação frásica e a estrutura das frases imperativas no Português Europeu

Na presente secção apresentaremos uma proposta estrutura de frase para os casos de imperativo verdadeiro e supletivo compatível com o seu comportamento diverso face à negação frásica. Teremos em conta as propostas da literatura presentes na secção 2 e os dados do Português Europeu apresentados nas secções 2 e 3. Começaremos por estabelecer a estrutura da frase negativa em línguas românicas com negação pré-verbal, como o Português Europeu, o Italiano ou o Espanhol em 4.1. Discutiremos, subsequentemente, a estrutura a propor para as frases imperativas afirmativas e negativas em Português Europeu, em 4.2.

4.1. A estrutura da frase negativa

Partindo da estrutura das frases declarativas canónicas, adotaremos uma estrutura de negação frásica próxima da proposta por Pollock (1989) para o Francês e o Inglês¹⁹:

$$(55) \quad [_{TP} T^{\circ} [_{NegP} Neg^{\circ} [AspP Asp^{\circ} [_{vP} v^{\circ} [_{VP} V^{\circ} \dots]]]]]$$

A posição pré-verbal do marcador de negação frásica em línguas como o Português, o Espanhol e o Italiano surge durante a derivação, de baixo para cima, da frase: (i) O verbo eleva-se de v/V para T^o; (ii) subsequentemente, a negação move-se de Neg^o para adjunção à esquerda ao verbo em T, no qual se incorpora. (cf. Belletti 1990, Haegeman 1995, Gonçalves 1994, Matos 2005, Matos et al. 1997).

Quando a categoria T^o é negada, o valor negativo percola até TP, projectando TP_{T_{Neg}}. Assim, a uma frase negativa como (56), corresponde representação simplificada em (57):

(56) Ele não leu esse livro.

(57) ... [_{TP}[_{T_{Neg}}] ... [_{T^o} Neg^o não_i [_{T^o} leu_j]] [_{NegP} [_{Neg^o} t_i] ... [_{vP} ... t_j esse livro]]]]]

Esta análise difere das propostas por Zanuttini (1991, 1996, 1997, 2001), Laka (1990) e Martins (1994) que consideram que a negação frásica em línguas como o Italiano, o Espanhol e o Português Europeu ocupa uma projecção funcional acima de TP²⁰. Difere igualmente da análise de Matos (1999, 2001), elaborada num quadro Minimalista anterior à *derivação por fases*, que aceitava que a construção de baixo para cima da estrutura sintáctica era alvo de transferência para os níveis interpretativos de Fonologia e Semântica²¹ logo após cada passo da derivação (Chomsky 2000). Neste

¹⁹ Recorde-se que Pollock (1989: 376) assumia que T^o seleccionava AgrP (e não AspP) e não considerava o desdobramento do sintagma verbal em vP e VP. A estrutura frásica de uma frase negativa era, pois, a seguinte:

(i) [_{TP} T^o [_{NegP} Neg^o [_{AgrP} Agr^o [_{vP} V^o ...]]]]]

²⁰ Zanuttini, como vimos, admite projecções de NegP acima e abaixo de TP, nas línguas românicas. No Italiano e o Espanhol, a negação frásica situar-se-ia acima de TP. Laka 1990 propõe a existência da projecção sigma, ΣP, para dar conta da polaridade negativa e afirmativa e das construções de foco anteposto. Esta projecção em Inglês estaria abaixo de TP e em Espanhol acima de TP. Martins (2004) adota para o Português a proposta de Laka relativamente ao Espanhol.

²¹ Níveis de representação linguística também designados como Forma Lógica e Forma Fonética.

quadro, Matos sugere que não há motivação para a existência de uma projeção frásica NegP, com base em dados de concordância negativa com o sujeito pré-verbal em frases de movimento do verbo de T-para-C. Como o contraste dos exemplos em (58) mostra, neste contexto o verbo tem de ser negado; porém, o passo intermédio da derivação, envolveria a coocorrência de *não* com o constituinte negativo pré-verbal, como em (59a), produzindo uma estrutura não-aceitável em línguas como o Português Europeu que, ao ser transferida, para Forma Lógica faria abortar a derivação. Por outro lado, se na construção de T-para-C estivesse subjacente uma estrutura idêntica à da frase bem formada em (59b), o resultado obtido seria o do exemplo marginal em (58b):

- (58) a. O que não tem [ninguém feito]?
b. *O que tem ninguém feito?
- (59) a. *Ninguém não feito o quê?
b. Ninguém tem feito o quê?

Contudo, como referido em Matos (2005:72, nota 38), no atual Programa Minimalista, de *derivação por fases* (Chomsky 2001, 2004, 2008), admitimos que os passos intermédios marginais da derivação são possíveis, uma vez que a transferência para os níveis de interface (Fonologia e Semântica) só se aplica a fases: depois de ter operado sobre a fase vP, só opera ao nível da fase CP.

Adotando a representação (55), e aceitando a deslocação do marcador de negação, para se adjungir e incorporar no verbo em T^o (cf. (57)) podemos dar conta da posição pré-verbal da negação e da sua estreita relação com T^o. Esta análise capta, assim, os efeitos das abordagens que admitem que em línguas como o Italiano, o Espanhol e o Português, NegP é inserido acima de TP. Por outro lado, não incorre nos problemas dessas propostas, que movem um sujeito frásico sem qualquer traço negativo, como o do exemplo (60), para Especificador de NegP, apesar de não haver motivação para tal. Na análise aqui apresentada, a presença do sujeito pré-verbal é decorrente da verificação dos traços- φ de T^o, como usualmente assumido.

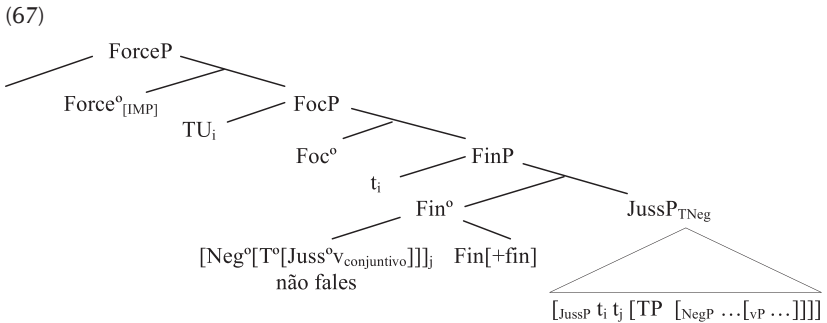
- (60) Os turistas não reservaram todos os quartos do hotel.

- (64) a. (Ó João,) TU cala-te!
- b. (Meninos,) VOCÊS estejam quietos!

(65) $[_{ForceP} Force^o_{IMP} [_{FocP} TU_i [_{Foc^o}] [_{FinP} t_i [_{Fin^o} cala-te]_j] [_{JussP} t_i [_{Juss^o} t_j] [_{TP_def} [_{T^o_def} t_j] [_{vP} t_i [_{v^o} t_j \dots]]]]]]$

Do mesmo modo, em frases imperativas negativa como (66), admitimos, que o verbo em T° que tem incorporado o morfema de negação [Neg-V] se move de T° para Juss°, e de Juss° para o domínio C (cf. Zanuttini 1997: 144), onde ocupa a posição de Fin°, especificando os traços desta categoria como [+fin], e ficando sob o escopo de Force_{IMP}, o núcleo que codifica a força ilocutória imperativa. A representação simplificada em (67) ilustra a estrutura atribuída ao imperativo supletivo negado em (66a), que exhibe sujeito focalizado:

- (66) a. TU não fales!
- b. TU NÃO FALES!
- b. Não falem!



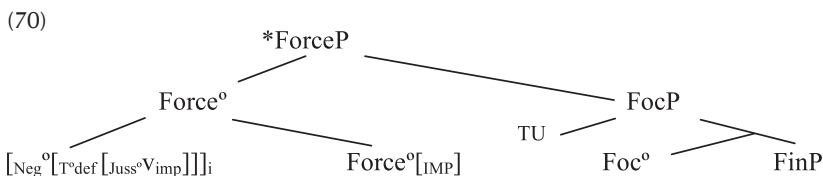
Aceitando que o núcleo/complexo verbal pode igualmente ser focalizado, como em (66b), propomos que nestes casos o complexo verbal se pode elevar de Fin° para Foc°, resultando a seguinte configuração:

(68) $[_{ForceP} Force_{IMP} [_{FocP} TU_i [_{Foc^o} NÃO_K FALES]_j] [_{FinP} t_i t_j [_{JussP} t_j [_{TP_def} t_j [_{NegP} t_k [_{vP} t_i t_j \dots]]]]]]$

Os exemplos (66) não esgotam as possibilidades de ocorrência de sujeitos realizados na periferia esquerda das frases imperativas. Estes podem surgir imediatamente após o verbo com um valor de foco contrastivo:

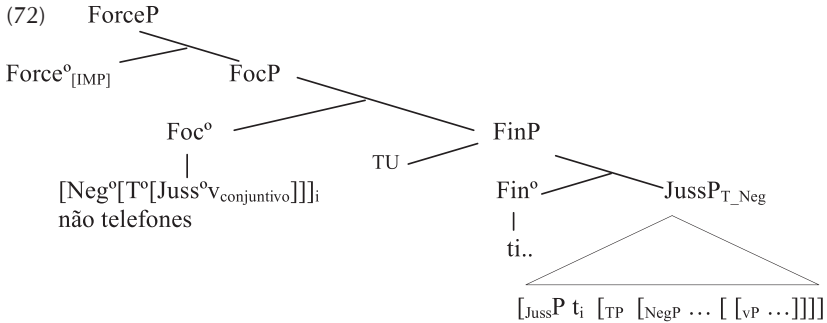
- (69) a. Trás TU o bolo!
 b. Tragam VOCÊS os queijos!
 c. Não telefones TU, que eu falo-te depois!

Para dar conta da ordem verbo-sujeito, poder-se-ia retomar a hipótese, defendida por Rivero (1994: 105) e Zanuttini (1997: 142) (sem ter em conta a focalização dos sujeitos) para o imperativo afirmativo de que os verbos no imperativo verdadeiro e supletivo se movem para Force^o para verificação de traços-v de força ilocutória. Porém, o imperativo com sujeito pós-verbal não ocorrem só em frases afirmativas, como (69a) e (69b), mas também em frases negativas, como (69c). O movimento para Force^o do verbo com a negação incorporada produziria a configuração ilegítima, em que a negação teria escopo sobre força ilocutória, (70). Contudo, como vimos, a força ilocutória não é suscetível de ser negada (cf. (63)):



Assim, propomos que o valor de focalização do sujeito pós-verbal decorra nestes casos do facto de o verbo (negado) instanciar o núcleo Foc^o, activando esta projecção e colocando sob o escopo de Foc(P) o sujeito, eventualmente movido para especificador de FinP, como visualizado para (71) em (72):

- (71) Não telefones TU (, que eu falo-te depois)!



Em suma, uma versão mais articulada do domínio C, ausente das propostas de Rivero, Terzi, Zanuttini, Han e Zeijstra, permite dar conta da estrutura das frases imperativas e aproximar os casos de imperativo verdadeiro e supletivo, afirmativo ou negativo, respeitando as configurações de escopo requeridas.

5. Observações finais

Na presente proposta, tivemos como guias três propriedades centrais cujo alcance ultrapassa as frases imperativas: (i) A força ilocutória de uma frase não pode ser negada, e, conseqüentemente a nas imperativas Force° não pode ficar sob o escopo de (ser c-comandada por) um operador de negação. (ii) Nas frases imperativas, a exclusão da negação com o imperativo verdadeiro deve-se ao carácter defetivo de T°, propriedade que se manifesta noutras estruturas, nomeadamente nas construções de reestruturação. (iii) CP é segmentável em categorias funcionais, como proposto na análise cartográfica do domínio C. Entre essas categorias, destacam-se, como obrigatórias, Force° (com traços de força ilocutória) e Fin° (com traços de [±finitude]) formando um elo com T° no domínio TP, e, como opcionais, entre outras, Foc°.

Adicionalmente, assumimos, com Zanuttini (2008) e Zanuttini et al. (2012), que as frases com valor jussivo, estão associadas a uma projeção específica, JussP, situada acima de TP e abaixo de CP, que alberga todas as instâncias de imperativo e determina a referência dos sujeitos nestas frases.

Adotando uma análise a cartográfica de CP, admitimos que a posição final do verbo no imperativo verdadeiro e supletivo, nas frases afirmativas e negativas, é Fin^o e que nos casos de realização de um sujeito focalizado, este ocorre em especificador de FocP, quando é pré-verbal, ou é focalizado pelo verbo em Foc^o, se ocorrer em posição pós-verbal.

REFERÊNCIAS

- Alcázar, A. & Saltarelli, M. 2015. *The syntax of Imperatives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Barbosa, P., Santos, P. & Veloso, R. 2020. Tipos de Frases e Força Illocutória. In: E. Raposo, M-F. Nascimento, M-A. Mota, L. Segura, A. Mendes & A. Andrade. *Gramática do Português*. Vol. III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Belletti, A. 1990. *Generalized Verb Movement. Aspects of the verb syntax*. Turim: Rosenberg & Selier.
- Brito, A-M, Duarte, I. & Matos, G. 2003. Estrutura da Frase simples e tipos de frases. In: Mateus, M-H., A-M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Chomsky, N. 2000. Minimalist Inquiries: the Framework. In: Martin, R., D. Michaels & J. Uriagereka (eds.) *Step by Step: Essays in Minimalism in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 89-155.
- Chomsky, N. 2001. Derivation by Phase. In Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1-52.
- Chomsky, N. 2004. Beyond Explanatory Adequacy. In: A. Belletti (ed.) *Structures and Beyond The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 104-131.
- Duarte, I. & Matos, G. 2000. Romance Clitics and the Minimalist Program. In: J. Costa (ed.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies in Portuguese Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 116-142.
- Faria, I. 1973. Sobre a formação das imperativas em Português. *Boletim de Filologia*, XXIII: 81-188.
- Frascarelli, M. & Jiménez-Fernández, A. 2021. How much room for discourse in imperatives?

- The lens of interface on English, Italian and Spanish. *Studia Linguistica*, 75(1):1-61.
- Frege, G. 1960. *The Foundations of Arithmetic: a Logico-mathematical Enquiry into the Concept of Number*. New York: Harper. Tradução de J. Austin, publicado originalmente em 1884.
- Gonçalves, A. & Matos, G. 2009. Ellipsis and Reestructuring in European Portuguese. In: E. Aboh, E. Linden, J. Queer & P. Sleeman (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*, 109-129. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Gonçalves, F. 1994. *A Negação Frásica em Português — Caracterização Sintáctica com Referência ao Processo de Aquisição*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Haegeman, L. 1995. *The Syntax of Negation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Haegeman, L. & Hill, V. 2013. The syntacticization of discourse. In: Folli, R, Ch. Sevdali & R. Truswell. *Syntax and its limits*. Oxford: Oxford University Press.
- Han, C-H. 2001. Force, negation and imperatives. *The Linguistic Review* 18: 289–325.
- Hill, V. 2007. Vocatives and the pragmatics-syntax interface. *Lingua* 117: 2077-2105.
- Lee, Ch. 1988. Speech act terms and mood indicators (in Korean). *Acta Linguistica Hungarica* 38: 127–141.
- Marques, R. 2012. Sobre alguns modalizadores de frase epistémicos e evidenciais. *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2012, pp. 398-415.
- Martins, A. M. 1994. Enclisis, VP Deletion and the Nature of Sigma. *Probus* 6, 173-205.
- Matos, G. 2005. *Temas de Sintaxe - Seminário de Pós-Graduação*. Trabalho apresentado em provas de Agregação. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Matos, G., Miguel, M., Freitas, M. J. & Faria, I. 1997. Functional Categories in Early Acquisition of European Portuguese. In: A. Sorace, C. Heycock & R. Shillcock (eds.), *Proceedings of the GALA'97 Conference on Language Acquisition*, Edinburgh: The University of Edinburgh, 115-120.
- Matos, G. 1999. Negative Concord and the Scope of Negation. *Catalan Working Papers in Linguistics*. 7: 175-190.
- Matos, G. 2001. Negative Concord and the Minimalist Approach. In: D'Hulst, Y., J. Rooryck e J. Shroten (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory 1999*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Oliveira, F. 2003. Modalidade e Modo. In: M.- H. Mateus, A-M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Pollock, J. -Y. 1989. Verb Movement, Universal Grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*. 23(3): 365-424.
- Rivero, M. -L. 1988. *The structure of IP and V movement in languages of the Balkans*. Ms. University of Ottawa.
- Rivero, M. -L. 1994. Negation, imperatives and the Wakernagel effects. *Rivista di Linguistica* 6(1): 91-118.
- Rivero, M. -L; Terzi, A. 1995. Imperatives, V-movement and logical mood. *Journal of Linguistics*, 31: 301-332.
- Rizzi, L. 1997. The Fine Structure of the Left Periphery. In L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*. 281-337. Amsterdam: Kluwer.
- Rizzi, L. & Bocci, G. 2017. The Left Periphery of the clause – primary illustrated for Italian. In: *The Wiley Blackwell Companion to Syntax*. edition II. Hoboken: Blackwell Publishers.
- Rizzi, L. Cinque, G. 2016. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics*, 2.
- Speas, M. & Tenny, C. 2003. Configurational properties of point of view roles. In Di Sciullo, A.M. (Ed.), *Asymmetry in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 315–344.
- Zanuttini, R. 1991. Syntactic properties of sentential negation. A comparative study of Romance languages. PhD thesis. University of Pennsylvania, Philadelphia.
- Zanuttini, R. 1996. On the relevance of Tense for sentential negation. In A. Belletti & L. Rizzi (eds.) *Parameters and Functional Heads: Essays in Comparative Syntax*. New York / Oxford: Oxford University Press, 181-207
- Zanuttini, R. 1997. *Negation and Clausal Structure – A comparative study of Romance Languages*. New York / Oxford: Oxford University Press.
- Zanuttini, R. 2001. Sentential Negation. *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Edited by Dark Baltin and Chris Collins. Oxford / Malden: Blackwell Publishers, 511-535.
- Zanuttini, R. 2008. Encoding the addressee in the syntax: evidence from English imperative subjects. *Natural Language and Linguistic Theory*.26: 185-218.
- Zanuttini, R, Pak, M. & Portner, P. 2012. A syntactic analysis of Interpretative restrictions on imperative, promissive and exhortative subjects. *Natural Language and Linguistic Theory*, 30(4):1231–1274.
- Zeijlstra, H. 2006. He ban on true negative imperatives. In: O. Bonami & P. Cabredo Hofherr (eds.) *Empirical Issues in Syntax and Semantics* 6: 405–424. [http // www. cssp. cnrs. fr / eiss6](http://www.cssp.cnrs.fr/eiss6).